

EMANCIPAÇÃO

O TRABALHO E A ÊSSENCIA HUMANA

*Josiane de Fátima Wambier**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir a essência humana como auto-criação humana, que tem seu fundamento no trabalho humano: criador das necessidades e da liberdade humana. A proposta é focalizar estes elementos a partir de uma perspectiva de totalização do ser social.

PALAVRAS-CHAVE

necessidades humanas, trabalho, liberdade, divisão social do trabalho

Introdução

O presente artigo tem por finalidade refletir o processo de formação do homem e de sua individualidade a partir de uma concepção de trabalho humano, enquanto uma atividade que transforma não só a natureza, mas o próprio homem, através da criação nele de necessidades humanas. E o homem não só cria as suas necessidades, mas também, cria os meios e as formas de satisfazê-las.

Assim, parte-se da tese de que o homem é o seu próprio criador e de que a história é o palco onde se desenvolve, mediado pelo trabalho livre e criador, o processo objetivo de construção da essência ou da natureza humana.

* Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Trabalho, necessidade e liberdade

As necessidades que os homens têm de comer, beber, dormir e respirar são necessidades orgânicas pertinentes a qualquer outra espécie animal e como tal, não se constituem em necessidades exclusivamente humanas. Ter um corpo não é uma necessidade humana, mas, vesti-lo com roupas já é uma *necessidade* exclusivamente *humana*. O sexo não é só uma atividade humana, mas, o sexo mediatizado pela paixão e pelo amor já é uma *necessidade humana*. Comer, dormir e beber água são necessidades que têm todos os animais, mas, comer com talheres; dormir num colchão, numa cama e numa casa; beber água em um copo, já são *necessidades humanas*. Os talheres, o colchão, o copo, as roupas são objetos criados pelo *trabalho humano* e têm para o homem um *valor de uso* determinado. E tais objetos, criados teleologicamente, mudam o homem e sua natureza, construindo nele *uma segunda natureza ou uma natureza humanizada*.

Assim, o *trabalho* é a atividade através da qual o homem conhece, se apropria e transforma a natureza exterior, bem como, a sua própria natureza interior. O *trabalho* é uma atividade que se dirige para a satisfação das *necessidades humanas*, não de forma imediata, mas, através de mediações. Estas mediações incluem: os instrumentos de trabalho; as relações dos homens entre si; a linguagem e o próprio *trabalho* já objetivado nos instrumentos de trabalho.

Os resultados do *mundo do trabalho* nos cercam em todos os cantos e por todos os lados, mesmo quando não estamos trabalhando. A mesa na qual sentamos para comer tem *trabalho humano* incorporado; assim como, os pratos, os talheres, a toalha de mesa, a comida que comemos. Há *trabalho humano* no filme que assistimos; no livro que lemos. A cama e os lençóis onde dormimos; o papel e a caneta com os quais escrevemos são resultados do *trabalho humano* ou da *atividade produtiva do homem*. As calçadas e as ruas pelas quais caminhamos, os postes de iluminação, o ônibus que tomamos, o carro que utilizamos para ir ou voltar do trabalho ou para passear têm *trabalho humano* incorporado.

Todos os homens para se manterem vivos, quer queiram ou não, devem se relacionar com o *mundo do trabalho*. Não são só os trabalhadores (adultos, adolescentes e crianças) vinculados ao mercado formal ou informal de trabalho, que possuem uma relação com o

mundo do trabalho: os desempregados, as crianças, os velhos, os doentes, os indigentes, enfim, todos aqueles que não exercem uma atividade direta ou indiretamente produtiva, também, mantêm uma relação com o *mundo do trabalho*. O *mundo do trabalho* não se restringe ao processo de produção, mas também, ao processo de distribuição dos bens ou objetos produzidos. Se não houver um acesso mínimo aos produtos ou resultados do *trabalho humano*, não há condições de sobrevivência orgânica no mundo social. Aquele que pode comprar o seu pão, tem acesso a este produto da atividade do padeiro; aquele que o seu posto é de indigência e de miserabilidade absoluta, só pode ter acesso a ele via “esmola”, via caridade alheia¹. E a caridade e a esmola implicam em posições de superioridade e de inferioridade entre os homens: elas definem a posição do senhor e do servo.

“*A casa com fogo, a casa com luz, o fogo do conhecimento que Prometeu roubou dos deuses para dá-lo de presente aos homens, deixa de existir para a maior parte deles*”. As suas necessidades diminuem ao “*mais necessário e lastimável sustento da vida física*”. Os planos econômicos dos governos calculam a existência humana “*mais indigente possível como padrão e efetivamente como padrão universal: universal, porque válido para a massa dos homens*” e fazem da maior parte deles seres insensíveis e sem necessidades (Cf MARX, 1993, p.130 e 131).

E hoje, além do problema da produção anárquica versus produção planejada, também é um desafio social, o *controle social (e não privado) da distribuição e do consumo dos resultados da produção social*. Existe uma distribuição e um consumo desigual na sociedade, porque os homens singulares ocupam postos ou lugares diferenciados no *mundo do trabalho*. Este fenômeno é chamado de *divisão social do trabalho*² e ele é responsável pelo aparecimento das distintas classes sociais. Assim, para cada homem singular, apropriar-se do mundo, significa apropriar-se das normas, habilidades e capacidades ao nível da

¹ A caridade ainda prevalece nos dias de hoje, apesar da existência do direito à assistência social.

² Há uma diferença entre divisão social do trabalho e divisão técnica do trabalho. A divisão técnica é uma divisão necessária no interior do próprio processo de trabalho, entendido enquanto “work” ou “trabalho necessário e eterno ao homem, enquanto criador de valores de uso” (MARX, 1988, p. 50). A sociedade do futuro, será com certeza, uma sociedade com acentuada divisão técnica. A divisão social do trabalho, por outro lado, diz respeito a uma divisão no interior da sociedade, em decorrência de uma classe ou Estado se apossar dos meios de trabalho e expropriar a força de trabalho de outra classe que é despossuída de tais meios. A divisão social do trabalho diz respeito ao trabalho alienado ou “labour” e não ao trabalho necessário e criativo ou “work”.

função e da posição de seu estrato e de sua classe social nesta divisão. Aquilo que um indivíduo não se apropria ou não pode se apropriar, aparece-lhe como um mundo estranho de normas e aspirações que se contrapõem ao seu mundo e que, às vezes, até se apresenta a ele como um mundo hostil.

Assim, a posição ou o posto que um indivíduo ocupa na divisão social do trabalho é um dos determinantes que intervêm no processo de formação e de desenvolvimento de sua individualidade humana. É óbvio que os problemas da individualidade humana não se restringem aos efeitos só da divisão social do trabalho. Há sua base biológica e genética; há o acaso; há a liberdade (a possibilidade do homem ser sujeito da história do mundo e da sua própria história individual é um dado ontológico primário).

O verdadeiro problema não está pois na aptidão ou na inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana. O fundo do problema está pois nas relações sociais, oriundas da divisão social do trabalho, onde a distribuição da riqueza sócio-cultural se dá de forma desigual tanto em quantidade como em qualidade.

O acesso ao patrimônio humano-cultural não se realiza diretamente entre o indivíduo e o gênero, mas, ele é mediatizado pelo *posto* que o indivíduo singular ocupa na divisão social do trabalho e isto criará diferenças, barreiras entre os homens. Criará o embrutecimento dos sentidos e sentimentos de uns e o refinamento dos sentidos e sentimentos de outros.

A divisão social do trabalho consiste em um obstáculo para o livre e pleno desenvolvimento da individualidade humana; bem como, subordina o seu desenvolvimento.

Enfim, as relações que se estabelecem em uma sociedade dividida em classes são necessariamente desiguais, de dependência de uma classe em relação a outra. O contato entre os homens não são entre um homem e outro homem, mas entre poderes, funções, cargos, postos, "sorte"³ por estar incluído no mercado formal de trabalho. Se a

³ O senso comum (e não o bom senso) explica que a inserção ou não ao mercado formal de trabalho é uma questão de "sorte". Os autores neoliberais Hayek e Fridmann, ideologicamente adotam esta concepção aparente como sendo um dado científico ou essencial da realidade. Para melhor entender esta questão, consultar a tese de doutorado de Lúcia Cortes da Costa, intitulada de **Reforma do Estado no Brasil**: uma crítica ao ajuste neoliberal.

relação é de inferioridade e superioridade, os sentimentos introjetados serão de inferioridade e de superioridade, os quais se exteriorizarão de diferentes maneiras: vergonha, revolta, ódio, violência, submissão, abnegação. Toda a leitura da realidade exterior ou do mundo, bem como, os atos exteriorizados pelos indivíduos serão orientados pela forma como ele assimilou o mundo exterior.

Isto explica porque a primeira luta que o homem estabelece com ele mesmo e com os outros homens é por um posto que lhe possibilite melhores condições de vida. Às vezes, passa-se toda uma vida, lutando por um posto melhor, que é identificado com o sentido da própria vida.

Se o *mundo do trabalho* produz uma crescente valorização do mundo das coisas, ao preço da desvalorização do mundo dos homens, será ele realmente *o criador do humano no homem*?

Esta contradição social pode ser expressa da seguinte forma: ao mesmo tempo, os homens sentem horror ao *trabalho* (o trabalho forçado já foi usado como pena jurídica) e reivindicam o *direito ao trabalho*. O primeiro é o trabalho alienado ou desumano, que **só apareceu no processo do desenvolvimento** histórico; já o segundo, é o *trabalho humano ou humanizador*, que é o responsável pela **origem do desenvolvimento** histórico. O primeiro pode ser historicamente eliminado; o segundo não, pois eliminá-lo seria eliminar o *mundo humano ou o humano no homem*.

Considerações finais

Finalizando, podemos afirmar que, o processo de constituição do homem ou do humano no homem, é um processo contraditório. Nele se defrontam forças sociais que procuram impedir a auto-realização de todos os homens e outras interessadas no desenvolvimento das potencialidades de cada ser humano singular.

Não podemos afirmar quando ou se as estruturas sociais baseadas na divisão social do trabalho serão substituídas por outras formas de relações mais justas e igualitárias dos homens entre si. Contudo, um olhar atento sobre a história da humanidade, nos faz perce-

ber que pelo menos até agora, os homens têm preferido a paz à guerra, a solidariedade ao egoísmo, a igualdade à exploração; enfim, os homens têm escolhido a liberdade em detrimento de qualquer forma de opressão.

ABSTRACT

The object of this work is to reflect on human essence insofar as it is a human self-creation which is founded in human work, itself the creator of human needs and human freedom. The study focuses on those two elements from the perspective of the totalization of the social being.

KEY WORDS

human needs, work, freedom, social division of labour

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. "Trabalho e estranhamento". In: **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

HELLER, Ágnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. 3.ed. Traduzido do alemão e do italiano por J. F. Yvars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1991.

_____. **O cotidiano e a história**. 4.ed. Traduzido do alemão por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUKÁCS, Georg. "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem". In: **Temas de Ciências Humanas**, v. 4. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

MARKUS, Gyorgy. **Teoria do conhecimento no jovem Marx**. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, Karl. "Manuscritos econômico-filosóficos de 1844", **Biblioteca do marxismo-leninismo**, n.26. Traduzido do alemão por Maria Antonia Pacheco. Lisboa: Avante, 1993.

_____. "A mercadoria", "Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia", "A jornada de trabalho". In: **O Capital: crítica da economia política**. v.I, livro I, 12.ed. Traduzido do alemão por Reginaldo Sant'Ana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1988.